

O SOLITÁRIO (Horacio Quiroga)

Tradução de Bruno Borges de Freitas. Revisão de tradução: Andrea Cristiane Kahmann. Revisão final e prólogo: Gustavo Melo Czekster.

Apesar da sua importância para o sistema literário latinoamericano, o uruguaio Horacio Quiroga (1878-1937) ainda é pouco traduzido no Brasil. Escritor que se notabilizou por narrativas curtas repletas de loucura, de paixão e de intensidade, Quiroga também foi um autor que trouxe influxos clássicos da literatura universal — Edgar Allan Poe, Anton Tchekhov, Guy de Maupassant — para o interior opressivo das selvas do extremo sul das Américas, redesenhando os termos da literatura de horror da região. Mais conhecido pelos detalhes trágicos da sua vida (na qual a morte sempre foi uma presença constante, expressa pelos suicídios de seu pai, padrasto, ex-mulher, filhos e o seu próprio, além do fato de ter matado acidentalmente o seu melhor amigo), Horacio Quiroga notabiliza-se pela construção de contos em que a violência pode irromper a qualquer segundo, além do clima constante de desespero e angústia a permear cada frase da narrativa. Ler esse escritor uruguaio é conhecer uma prosa que, mesmo dotada de certa aspereza técnica e de uma limitação vocabular destacada por alguns críticos — entre os quais Jorge Luis Borges e Emir Rodríguez Monegal —, compensa na visceralidade com que mescla delírio e realidade, morte e vida, amor e fúria. Horacio Quiroga não é um escritor para quem tem medo de emoções fortes.

Por esse motivo, ler Quiroga em uma nova tradução é duplamente recompensador. Em primeiro lugar, retoma-se a obra de um escritor pouco abordado pela crítica e que, na sua ficção, foi um artífice da difícil arte da narrativa curta, tanto que é conhecido pelo seu Decálogo do perfeito contista, uma lista de regras que qualquer aspirante a escritor ou leitor interessado deve conhecer de cor. Em segundo lugar, por que os olhos pós-modernos, em especial após o advento das Guerras Mundiais no século XX e do crescimento exponencial da violência e da intolerância em todos os lugares do mundo nesse século XXI que ainda inicia, possuem uma nova compreensão da selvageria que Horacio Quiroga imprime aos seus contos como uma marca pessoal. Traduzir Quiroga em pleno século XXI é mostrar que, inobstante o progresso tecnológico que o mundo atravessa, o pior inimigo do ser humano encontra-se mesmo é nas possibilidades aterradoras e infinitas que se escondem no interior da sua mente. Se o lobo do homem é o próprio homem, não resta dúvida de que, para Quiroga, o nosso estado genuíno é a maldade, e as leves irrupções de medo ou de esperança nas brumas da violência constante sob a qual vivemos (violências que praticamos e sofremos) são aquilo que define o conceito que possuímos de vida.

Na narrativa breve escolhida para tradução, O solitário, uma pequena amostra do estilo de Quiroga: de um lado, temos a perfeição estilística do conto, a construção do cenário em poucas pinceladas, os personagens apresentados com clareza, a história oculta

mencionada por Ricardo Piglia que corre por baixo da história aparente, permitindo ver profundezas insuspeitas por baixo de uma superfície impregnada de tensão; por outro, reconhecermos a história de Kassim e de Maria como algo que podia acontecer conosco em outra realidade, e de como as decisões e consequências advindas da ganância desmesurada podem confluir para uma extraordinária explosão de violência que se adivinhava desde o início da narrativa, mas encontra o seu apogeu nos momentos finais, gerando uma catarse quase aristotélica na qual expiamos nossos pecados e raivas por meio da literatura.

O solitário

O texto considerado como fonte para esta tradução foi *El solitario*, disponível em:
<<http://www.literatura.us/quiroga/elsoli.html>>. Acesso em 05 jan. 2018.

Kassim era um homem enfermizo, joalheiro de profissão, ainda que não possuísse estabelecimento próprio. Trabalhava para as grandes casas, e sua especialidade era a montagem de pedras preciosas. Poucas mãos eram melhores do que as suas para as peças delicadas. Com mais impulso e habilidade comercial, teria sido rico. No entanto, aos trinta e cinco anos, prosseguia em seu espaço minúsculo transformado em oficina ao pé de uma janela de sua residência.

De porte mesquinho e rosto pálido sombreado por uma rala barba negra, Kassim tinha uma mulher bonita e dada a fortes paixões. A jovem, de origem humilde, aspirara, com sua formosura, a um enlace mais elevado. Esperou até os vinte anos, provocando, com seu corpo, aos homens e às vizinhas, quando, já temerosa, acabou por aceitar com demasiado receio a Kassim.

Acabaram-se os sonhos de luxo, então. Seu marido, apesar de hábil artífice, carecia completamente de caráter para fazer fortuna. Por isso, enquanto o joalheiro trabalhava dobrado sobre suas pinças, ela, apoiando-se nos cotovelos, lançava sobre o marido um olhar lento e pesado; depois, retirava-se bruscamente para observar, através dos vidros, algum transeunte de alta classe com o qual poderia ter-se casado.

Não obstante, tudo o que Kassim ganhava era para ela. A fim de oferecer-lhe melhores condições, ele trabalhava até nos domingos. Quando Maria desejava uma joia — e com quanta paixão seria capaz de desejá-la! —, ele virava as noites trabalhando. Depois vinham as tosses e as pontadas nas costas, porém Maria conseguia as suas chispas de brilhantes.

Pouco a pouco, a convivência com as pedras deixou-a apaixonada pelas tarefas do artífice, e ela seguia com ardor o manejo das íntimas delicadezas do engaste. Mas, quando a joia estava terminada — devia partir, não era para ela — Maria caía mais profundamente na decepção com seu casamento. Ela experimentava o adorno, parada em frente ao espelho, para em seguida largá-lo em qualquer lugar e meter-se no quarto. Kassim levantava-se ao ouvi-la soluçar e a encontrava na cama, sem lhe dar atenção.

— Eu faço tudo o que posso por você — ele dizia, triste.

Com isso, os soluços aumentavam, e o joalheiro reinstalava-se, lentamente, em seu banco.

Essa situação repetia-se tanto que Kassim já nem se levantava para consolá-la. Consolá-la do quê? Mas isso não o impedia de prolongar ainda mais suas jornadas em busca de maiores rendimentos.

Era um homem indeciso, irresoluto e calado, e os olhares de sua mulher agora se detinham, ainda mais pesados, sobre aquela muda tranquilidade.

— E você... é um homem! — ela murmurava.

Kassim, sobre seus engastes, não deixava de mover os dedos.

— Você não é feliz comigo, Maria — respondia um pouco depois.

— Feliz? E ainda tem coragem de falar isso! Quem pode ser feliz com você? Nem mesmo a última das mulheres! Pobre diabo! — concluía com um riso nervoso e dava-lhe as costas, saindo da salinha.

Naquela noite, Kassim trabalharia até as três da manhã, e sua mulher, com um brilho nos olhos, reconsideraria por um instante sua atitude, com os lábios bem apertados.

— Veja só... Mas que diadema maravilhoso! Quando você o fez?

— Desde terça-feira estou trabalhando nele — Kassim a olhava com descolorida ternura — enquanto você dormia.

— Ah, mas você podia ter-se deitado também! Que imensos esses brilhantes!

Sua paixão eram as voluptuosas pedras que Kassim montava. Acompanhava o trabalho dele ansiando para que terminasse de uma vez. Ele mal posicionava a última peça do adorno, e ela já o agarrava e corria para frente do espelho. Em seguida, tinha mais uma crise de choro.

— Todos, qualquer marido, até o último dos homens faria um sacrifício para agradar a sua mulher! Mas você... você... Nem um miserável vestido eu tenho para usar!

Quando ultrapassa o limite de respeito para com o marido, uma mulher pode chegar a dizer coisas inacreditáveis.

A mulher de Kassim ultrapassou esse limite com a mesma paixão que sentia por aqueles brilhantes. Uma noite, ao guardar as suas joias, Kassim notou a falta de um broche, com dois solitários que valiam cinco mil pesos. Olhou mais uma vez nas gavetas.

— Você não viu o broche, Maria? Eu o deixei aqui.

— Vi, sim.

— Onde está? — voltou-se para ela, surpreso.

— Aqui!

Sua mulher, com os olhos acesos e um ar de chacota, ergueu-se usando o broche.

— Fica muito bem em você — disse Kassim, em seguida. — Vamos guardá-lo.

Maria riu.

— Ah, não, ele é meu.

— Está brincando?

— Sim, estou! É evidente que estou brincando. Dói em você pensar que ele poderia ser meu... Amanhã eu devolvo. Hoje vou ao teatro com ele.

Kassim alterou-se.

— Melhor não. As pessoas podem vê-la com o broche e perder a confiança em mim.

— Ah! — bradou com raiva, batendo violentamente a porta.

Na volta do teatro, ela deixou o broche sobre o criado-mudo. Kassim levantou-se e guardou-o em sua gaveta; trancou-a com chave. Quando voltou ao quarto, encontrou a mulher sentada na cama.

— Quer dizer que você tem medo que eu o roube! Acha que sou uma ladra?

— Não me olhe assim... Você foi imprudente, só isso.

— Ah, claro... as pessoas confiam em você! Em você, só em você! E quando sua mulher pede um agrado e quer... então, você me chama de ladra! Seu caluniador!

Ela, ao fim, dormiu; Kassim passou a noite em claro.

Dias depois, confiaram a Kassim a montagem de um solitário com o brilhante mais admirável que já passara por suas mãos.

— Olhe, Maria, que pedra! Nunca vi nada igual.

Sua mulher não disse nada, mas Kassim a sentiu suspirar profundamente sobre o solitário.

— Uma peça admirável — prosseguiu. — Deve custar uns nove ou dez mil pesos.

— Um anel? — por fim, Maria murmurou.

— Não, é de homem: um alfinete.

Enquanto montava o solitário, Kassim recebia sobre suas costas trabalhadoras todo o rancor e o coquetismo frustrado de sua mulher. Dez vezes por dia, ela interrompia o marido para ir ao espelho com o brilhante e, depois, experimentava-o com diferentes vestidos.

— Faça isso depois — atreveu-se Kassim. — É um trabalho urgente.

Esperou uma resposta em vão; ao invés dela, a mulher saiu à varanda.

— Maria, as pessoas podem ver!

— Tome! Aí está a sua pedra!

O solitário, violentamente arrancado, rolou pelo chão.

Kassim, lívido, recolheu-o para examiná-lo, e, logo após, alçou o olhar para sua mulher.

— Por que você me está encarando? Por um acaso a pedra quebrou?

— Não — recuperou-se Kassim. Em seguida, retomou a sua tarefa, com as mãos trêmulas de dar dó.

Não tardou a voltar ao quarto para acalmar a mulher, dessa feita em plena crise de nervos. Encontrou-a com os cabelos desgrehados e os olhos saltando das órbitas.

— Dê-me o brilhante! — clamou — Agora! Vamos fugir com ele! Vamos, dê o brilhante para mim!

— Maria... — gaguejou Kassim, tentando desvencilhar-se da mulher.

— Você que é um ladrão, seu miserável! Roubou a minha vida! Ladrão! Ladrão! Pensou que eu nunca me vingaria? Seu corno! Arrá! Olhe para mim... Não achou que isso fosse possível, hein? Ah! — levou as duas mãos à garganta, sufocada. Contudo, quando Kassim tentou recuar, ela saltou da cama, abraçando-o pelas botas.

— Não importa! Dê-me o brilhante! É só o que eu peço! Ele é meu, Kassim, seu miserável!

Kassim, lívido, ajudou-a a se levantar.

— Você está doente, Maria. Depois conversaremos. Agora, deite-se.

— Meu brilhante!

— Está bem, depois veremos isso. Deite-se.

— Eu quero!

De novo, a sensação de sufocamento.

Kassim voltou a trabalhar no solitário. Como suas mãos possuíam uma precisão matemática, faltavam poucas horas para acabá-lo.

Maria levantou-se para comer, e Kassim foi solícito como sempre com ela. Ao acabar o jantar, sua mulher o encarou.

— É mentira, Kassim — disse-lhe.

— Ah — falou Kassim, com um sorriso — não foi nada.

— Eu juro que é mentira! — insistiu ela.

Kassim sorriu de novo, tocou-lhe a mão com um estranho carinho e levantou-se para continuar com a tarefa. Sua mulher, com o rosto entre as mãos, seguiu-o com o olhar.

— Você vai dizer só isso? — murmurou e, com uma profunda raiva pelo ser pegajoso, indulgente e inerte que era seu marido, dirigiu-se ao quarto.

Não dormiu bem. Despertou, tarde já, e viu a luz da oficina acesa. Seu marido continuava trabalhando. Uma hora depois, um novo alarido.

— Eu quero!

— Sim, é para você. Falta pouco, Maria — replicou apressado, levantando-se. Mas sua mulher, depois desse grito de pesadelo, adormeceu novamente.

Às duas da manhã, Kassim concluiu o trabalho; o brilhante resplandecia, firme, varonil em seu engaste. Com passos silenciosos, dirigiu-se até o quarto e acendeu o abajur da cabeceira. Maria dormia de costas, no branco gelado de sua camisola e do lençol. Kassim foi até sua mesa de trabalho e regressou ao quarto. Contemplou por um momento o seio quase descoberto e, com um sorriso esmaecido, afastou um pouco mais a camisola.

Sua mulher não sentiu.

Não havia muita luz. O rosto de Kassim adquiriu, de repente, uma dura imobilidade e, suspendendo por um instante a joia sobre a flor do peito desnudo, cravou, firme e perpendicularmente, como um prego, o alfinete inteiro no coração de sua mulher.

Houve uma brusca abertura de olhos, seguida de um lento cerrar de pálpebras. Os dedos arquearam-se, e nada mais.

A joia, sacudida pela convulsão do ferimento, tremeu por um instante, desequilibrada. Kassim esperou um momento e, quando o solitário ficou, enfim, completamente imóvel, retirou-se, fechando a porta atrás de si, sem fazer barulho.